



NESTA EDIÇÃO:

Não percam a 3ª Semana de Politizados!

3ª SEMANA DE POLITIZADOS

*As diversas faces
da educação no Brasil*

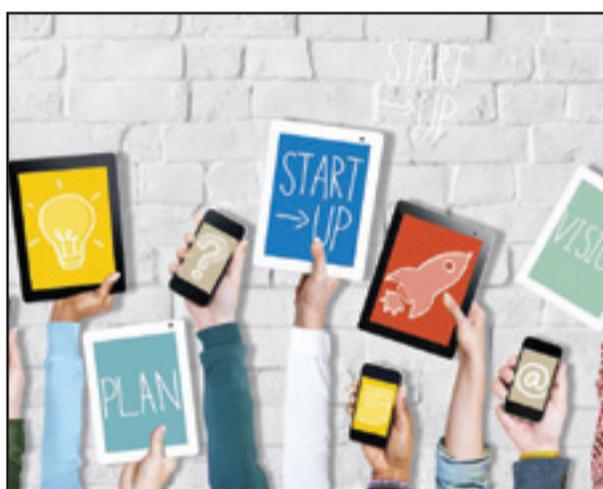
de 25 a 29 de maio

PÁGINA 11



PRECISAMOS FALAR SOBRE
COTAS...

PÁGINAS 3 E 4



ACELERANDO
STARTUPS

PÁGINA 9



ELEIÇÕES DCE 2015

PÁGINAS 4 E 5

MISCIGENAÇÃO PÁG 2

A REFORMA DO SILÊNCIO:
MOBILIZAÇÕES NA POLI PÁG 06

THUNDERATZ GANHA MEDALHA DE
PRATA E BRONZE EM CAMPEONATO
MUNDIAL NOS EUA PÁG 07

24ª SEMANA DE CULTURA
EMPRESARIAL PÁGS 7

CONEXÃO POLI USP – POLI MILÃO:
DUPLO DIPLOMA VISTO
AO CONTRÁRIO PÁG 8

HORA DE CORRER ATRÁS PÁG 9

O NOSSO INOVALAB PÁG 10

IYPT BRASIL 2015 PÁG 11

A SOBREVIVÊNCIA EM UMA
POLI SEM FESTAS PÁG 12

GREVE PRODUTIVA PÁG 12

MUDANÇA DE
PERSPECTIVA PÁG 13

ÓCULOS DOURADOS PÁG 13

CARTINHA DE AMOR PÁG 15

QUERIA SABER BEM
MAIS QUE MEUS VINTE E
POUCOS ANOS... PÁG 15

EDITORIAL

Éis que chegamos à terceira edição do nosso jornal! Em primeiro lugar, obrigada a todos que contribuíram com textos, ideias ou apenas pegaram seu exemplar para ler. O *feedback* da edição passada foi bastante positivo, o que apenas nos motivou mais para continuar com edições informativas, divertidas e que ainda tragam novidades aos politécnicos. Confessamos que não foi nada fácil fechar essa edição durante a semana de provas, mas a paixão pelo projeto é o que nos move. Enfim, depois de muito suor, prova, nabo e energético, temos a nova edição do jornal, recheada de temas interessantes. Esperamos que vocês gostem tanto quanto a equipe editorial.

E, afinal, o que essa edição tem de tão bom? Começamos com a continuidade da nossa área de empreendedorismo, com dois textos, um deles sobre o InovaLab (aposto que muitos de vocês nem sabem o que é, por isso leiam o texto) e outro sobre a *Startup Farm* (não sabe também? Estamos aqui para te informar!). Ao contrário do que dita o senso comum, os engenheiros não estão limitados às suas próprias áreas, principalmente com tantas

ideias boas que surgem no ambiente universitário. Algum de vocês já pensou em abrir o próprio negócio? Criar, projetar e empreender? Acompanhe os nossos textos e conheça o universo das *startups*.

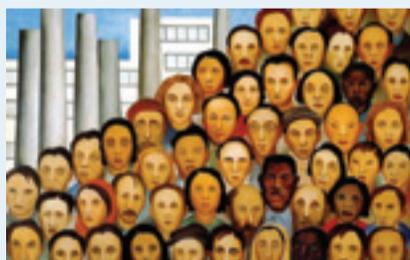
Continuando, temos uma grande discussão sobre a situação atual da Poli, no que tange o uso dos espaços acadêmicos, proibição de festas e consumo de álcool no ambiente acadêmico. O nosso jornal cobriu de perto a Assembleia e traz para todos que não puderam comparecer o que foi discutido. Afinal, todos nós devemos estar devidamente informados dos eventos para poder discutir, argumentar e, quem sabe, vencer algumas batalhas. Fugindo do ambiente Poli, fiquem ligados na sessão USP, que traz uma discussão sobre as cotas raciais na universidade e uma matéria sobre os resultados da eleições do DCE. Conheçam as três chapas mais votadas!

Não esqueçam que o jornal está aberto a todos interessados no projeto. Mais uma vez, não é obrigatório escrever (ou pelo menos escrever em todas as edições), ideias são muito bem recebidas! Nossas reuniões semanais ocorrem todas as quartas às 11h no Grêmio, basta nos procurar.

Miscigenação

me sinto parte
e depois não
sinto um todo disforme
batido à mão
vejo tudo em cores
vejo tantos amores
e todos esses sorrisos
e todos tantos rumores
de quem é
e não é
e quer ser
e não

mas como se pode
definir um padrão
numa sociedade heterogênea
onde todos são
partes iguais
de uma partição
que na beleza da diferença
pinta vários países num só



sob sons tantos
sob sol forte
e sob a garoa
canta o hino
que em mim ecoa
se és mãe tão gentil
como se permites, Brasil,
ter tanto filho hostil?

Nádia Coelho Pontes
Engenharia Elétrica - 2º ano

EXPEDIENTE



O POLITÉCNICO

São Paulo, Maio de 2015 - Ano LXX - Edição 3

Editor Chefe: Marjorie Samaha e Bruno Pereira

Equipe Editorial: Alexandre Caldeira Augusti, Breno Meirelles, Bruno "Novelo", Bruno Pereira, Bruno Soiti, Diego Andriolo, Felipe Marins, Fernando Aguiar, Franco De Assis, Jean Michell, Larissa Zipoli, Luis Felipe Gaivão, Marjorie Samaha, Nádia Coelho, Narelli Paiva, Ruan Rossato e Túlio Sawatani.

Tiragem 1.000

Diagramação: Paulo Saad - pcsaad@gmail.com

Impressão: Volpe Artes Gráficas - 94101.8448

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação!

SUDOKU

6	4					5		
							2	7
		9				3		4
				7	2		4	
3		7		4		2		1
	8		9	3				
2		4				9		
5	1							
		8					1	5

Não percam as reuniões do jornal!!!

Quando? Todas as quartas-feiras!

Que horas? 11h

Onde? No Grêmio Politécnico



Precisamos falar sobre cotas...

O ambiente era como outro qualquer: uma aula de micro-economia na FEA-USP, noturno, cerca de cem alunos na sala; apenas um negro. Em poucos minutos, manifestantes do coletivo Ocupação Preta entram na sala e propõe uma interrupção na aula para discutirem com a sala o tão polêmico assunto das cotas raciais no vestibular da USP. Nesse instante, um aluno começa a gravar o que viria a ser um vídeo viral, com mais de duas

milhões de visualizações, e que poria sobre os holofotes um tema que merece discussão, tanto no âmbito da USP quanto de toda a sociedade: devemos adotar as cotas raciais?

Para começar a resolver essa discussão, o Jornal O Politécnic foi à fonte e entrevistou apoiadores e críticos à utilização das cotas no vestibular da Fuvest para que dessem seus argumentos e promovessem o debate entre suas ideias.

DISCUTINDO O SISTEMA DE COTAS...



PERGUNTAS	CRÍTICOS	APOIADORES
A que se deve a pouca presença de pretos, pardos e indígenas (PPI's) na Poli?	Isso se deve a uma conjuntura nacional. Todos os cursos com maior nota de corte, como engenharia e medicina, acabam tendo poucos negros e alunos do ensino público. Na Poli, por exemplo, a porcentagem de alunos vindos da escola pública é bem abaixo da porcentagem média da USP. Isso se dá porque esses grupos não prestam o vestibular para cursos tão concorridos, como se verifica nos dados dos vestibulares.	Isso se deve a um processo histórico e a uma questão social. Os grupos PPI's sempre foram marginalizados, como aconteceu durante a escravidão e, mesmo após a libertação dos escravos, com a Lei de Terras (lei promulgada em 1850, que excluía negros do sistema fundiário). Por isso, esses grupos são obrigados a frequentar escolas gratuitas públicas que são de menor qualidade do que as escolas privadas, cujos alunos são majoritariamente brancos. Além disso, por causa da exclusão do meio elitizado e acadêmico, esses grupos não têm exemplos que os motivem a perseguir o sonho de uma formação universitária.
A USP promove políticas de bonificação social e racial no seu vestibular. Elas são medidas positivas?	Essas políticas são acertadas, tanto a parte do Inlusp quanto o Pasusp, que buscam além de fomentar o interesse dos alunos pelo vestibular, a avaliação dos cursos. Contudo o programa deve se ater somente aos critérios sociais, uma vez que as políticas afirmativas deram errado em todos os lugares em que foram aplicadas. Afinal de contas, não faz sentido diferenciar as pessoas pela cor de pele e definí-las em raças, porque o Brasil, com a miscigenação, tem toda sua população com uma parcela de ascendência africana. Então é difícil definir os que são negros ou não.	Essas políticas não são eficientes. A população negra do estado de São Paulo corresponde a 34,6% e, segundo os dados do site da FUVEST em 2014, a porcentagem de ingressantes na Poli desses grupos era de 19,8%. Não há dúvidas de que há uma sub-representatividade dos PPI's na nossa universidade e que o atual programa de bonificação não resolve a questão. E o problema não é só social: há casos em que pretos e brancos de igual faixa econômica são tratados diferentemente, como na loja da Animale na rua Oscar Freire. Portanto, é necessária a adoção de cotas raciais que visem igualar a presença de diferentes grupos raciais na Universidade.

Continua na página 4 >>>



PERGUNTAS	CRÍTICOS	APOIADORES
Um dos pontos em debate é o reflexo na formação acadêmica que a inclusão de cotas pode acarretar. Caso fossem promovidas, as cotas fariam com que o rendimento caísse?	Depende muito do curso. Na UFRJ e na UnB, há cotas raciais e ambas soltaram informativos sobre o rendimento dos alunos cotistas. Lá se observou que esses alunos possuíam bom desempenho, mas não dá para generalizar. As duas universidades, são muito concorridas, então tanto os ingressantes cotistas quanto os de livre concorrência são de alto nível. Agora com cursos pouco concorridos, para cumprir a meta de inclusão de cotas, muito alunos sem preparo entrariam e, de fato diminuiriam o nível da graduação.	Não, na verdade, até aumentaria. Os dados liberados pelas faculdades nacionais e internacionais sobre o desempenho de alunos cotistas, mostra que são iguais ou, por vezes superiores aos dos alunos que ingressaram por livre-concorrência. Isso se deve ao fato de que esses alunos cotistas enxergam a graduação como uma oportunidade única de saírem do meio segregacionista em que vivem e se dedicam muito a essa oportunidade que a cota lhes ofereceu.
O grupo Ocupação Preta promoveu várias manifestações e ocupações nos últimos meses, entre elas a paralisação de 30/04, a ocupação do Conselho Universitário e a discussão na aula da FEA. Essas ações são corretas?	Foi errado. Com a ocupação do Conselho Universitário, na discussão da estatuinte, esse movimento paralisou qualquer discussão sobre um novo estatuto, que a USP tão urgentemente requer. E acaba sendo contraproducente, porque a maior demanda do movimento estudantil nas greves de 2013 foi uma nova estatuinte, que poderia ter acontecido, não fosse a ocupação. Foram intransigentes, autoritários, antidemocráticos e não promoveram o debate, mas impuseram suas ideias.	As ações são justificáveis. A discussão sobre a presença do negro na faculdade vem desde 1987, com a fundação do Núcleo de Consciência Negra. São quase trinta anos tentando promover inclusão racial na faculdade com poucos sucessos. Então medidas mais drásticas são necessárias, para que a sociedade perceba e discuta esse problema. Há uma ignorância sistemática em relação à questão de inclusões, porque só dói para as minorias, que não têm voz para mudar sua condição. Por isso, às vezes, é necessário gritar, para ser ouvido.

Agradecimentos especiais a Thatiane Lima (negra, aluna da engenharia de materiais da POLI-USP) e João Guilherme (aluno da engenharia naval da POLI-USP).

Ruan Rossato
Engenharia Mecatrônica - 1º ano

Eleições DCE 2015

Nos dias 8, 9 e 10 ocorreram as eleições do Diretório Central dos Estudantes da USP – DCE. Nelas, os alunos votaram para eleger a diretoria do DCE e a representação discente dos alunos de graduação nos órgãos colegiados da USP. A chapa vencedora foi a “Manifesta! Ousadia para Vencer”, com 3949 votos, seguida da “Uspinova”, com 2228 votos e da “Compor e ouvir: todo povo quer cantar”, com 1760 votos. Para que todos os alunos conheçam um pouco das três grandes chapas que representarão os alunos e, cada vez mais se engajarem nos eventos da nossa universidade, o Jornal O PolitécnicO traz, nessa edição, a palavra de cada uma delas. Para mais informações e o resultado completo da eleição, entre na página oficial do DCE: www.dceusp.org.br.

Manifesta

O nome já diz tudo. A nossa chapa acredita que é preciso se manifestar



Que o politécnicO não pode se acomodar: não pode se acomodar se vier uma lei de cima para tirar uma das suas únicas fontes de sossego e diversão, suas festas e as bebidas alcoólicas; da mesma forma, não pode se acomodar se vier um diretor de cima querendo mudar seus espaços de vivência, os centros acadêmicos. A Manifesta quer o politécnicO ativo, se fazendo ouvir e plebiscitando a sua vontade para se unir.

Da mesma maneira, no âmbito geral da USP, a nossa chapa quer um uspiano

que lute. Que lute por uma universidade pública, forte e de qualidade, significando: que a universidade não seja sucateada e que defenda as minorias, não as ofenda; que não demita funcionários, dobrando a carga aos que ficam; que não corte vagas nas creches, nem bolsas de estudos, nem feche nossos *bandeiões*... Enfim, diferentemente do espaço, a lista de problemas se estende ao infinito.

O que crê a Manifesta é que os uspianos, politécnicos ou não, devem se manifestar. O nome já diz tudo. O que está errado deve mudar. Nós, como proto-engenheiros, aprendemos nas aulas de introdução à Engenharia: sempre podemos melhorar. Seja o “produto” um carro elétrico ou uma faculdade.

Como levar, então, essa questão ao DCE? Como levar a ideia da manifestação e da não acomodação aos estudantes de toda USP?

Bom, começamos por tentar estar por toda USP. Temos mais de 150 diretores espalhados pelos Campus, desde

Ribeirão, até a Biologia e à Engenharia Civil. E mais de 200 apoiadores, pois é importante que a mensagem da Manifesta chegue a cada estudante. Claro, essa tarefa não é fácil, são mais de 90 mil alunos. Mas ser uma grande chapa já ajuda na questão da representatividade.

Por outro lado, outro modo de levar a mensagem da Manifesta ao DCE é atendendo-se à mensagem de cada faculdade à nossa chapa. Ou seja, cada caso é um caso, cada curso tem suas especificidades e o DCE tem muito que aprender com isso. O modo de se manifestar da Poli é diferente do da FFLCH, por exemplo.

Aqui, nos nossos dicionários não constam as palavras “luta”, “opressão”, “greve” e “machismo” do mesmo modo que definido na Letras. Há diferenças de linguagens, que devem ser sempre levadas em conta para um movimento estudantil eficaz. Precisamos entender um para entender o todo.

A isso chamamos de unidade na diversidade: ter em cada uma das faculdades



uma movimentação e uma discussão forte, para que possamos, juntos, tornar as múltiplas manifestações, um todo. A Manifesta acredita, portanto, que os cursos devem trazer suas mensagens ao DCE e que, então, devemos juntar essa efervescência à luta estudantil. Para além dos muros de cada faculdade. Não devemos desunir, tampouco nos acomodar. Devemos lutar, para manter o que é nosso.

Não deixe sua festa acabar, politécnico. Manifeste-se.

Martim Zurita
Chapa Manifesta

USPInova



A USPInova sempre partiu da filosofia de representação séria do estudante e, por isso, é fácil dizer que é a única chapa que realmente valoriza a representação discente. Conquistamos espaço em 3 dos conselhos centrais, o CO (Conselho Universitário) que discute a estrutura da Universidade, o CoG (Conselho de Graduação) que discute tudo referente à graduação e o CoCEX (Conselho de Cultura e Extensão) de nome auto-explicativo.

Temos entre as diretrizes principais da chapa a atuação e valorização acadêmica, a internacionalização da USP, o acompanhamento responsável dos recursos da Universidade, a valorização do esporte e das atividades de extensão e a responsabilidade social da Universidade de São Paulo.

No Conselho de Graduação temos 2 representantes discentes, um deles o politécnico Henry Gandelman, aluno da Materiais. Na área acadêmica já atuamos e manteremos a postura de descentralização de decisões, permitindo que cada Unidade tome as próprias decisões referentes às questões que lhe cabem. Foi assim que, tratando-se de mudança curricular, obtivemos uma vitória permitindo que cada Unidade decidisse sobre o próprio currículo. A EC3, por exemplo, neste sistema novo seria viável em 1 ano, em vez dos muitos que levou com o sistema antigo. Também foi assim no debate so-

bre inclusão no qual propusemos a descentralização do debate, para que cada Unidade debatesse com seus professores e alunos e, assim, a decisão da USP sobre o assunto fosse democrática. O mesmo com o Regime Especial de Recuperação e muitos outros assuntos.

Além disto, acreditamos muito na Permanência Estudantil, que não se restringe a bolsas de auxílio. Para garantir a permanência, é importante identificar os motivos da evasão de muitos alunos em alguns cursos e sanar tais problemas. Também é necessário que se resolva os problemas de acesso à Universidade, acompanhando de perto e de maneira consciente a aplicação dos bônus de acesso e buscando uma maior capilaridade da FUVEST. Também buscaremos uma melhor avaliação dos cursos dentro da USP. Em resumo, nos propomos à uma gestão responsável, visando sempre o mais vantajoso para os alunos, defendendo os campos da pesquisa do ensino e extensão e a construção de uma universidade pública que preze pela excelência acadêmica.

No Conselho de Cultura e Extensão temos a frente o Fábio Machado, ex-tesoureiro da Atlético e aluno da Produção. Buscaremos mudar a visão da Universidade com o esporte, empenhando-nos por uma maior valorização das atividades esportivas e de nossos atletas. Temos como um dos pilares fundamentais a atuação para a melhoria da infraestrutura geral da USP seja através do patrocínio de atividades e atletas, da promoção de eventos ou da luta incessante pelo reconhecimento institucional de todos que se dedicam tanto ao esporte. Queremos nos espelhar nos modelos internacionais desta área.

No Conselho Universitário temos 3 representantes, um deles o André Simmonds (Guile), ex-presidente do Grêmio Politécnico. Buscaremos atuar incisivamente para aumentar a segurança no campus através da melhoria de sistemas e implantação políticas que de fato funcionem. Também atuaremos na criação de um Endowment USP, baseado na Escola Politécnica criado em 2011. Por termos diversos membros que são gestão ou ex-gestões das mais diversas entidades, acreditamos no espaço estudantil e não admitiremos quaisquer retiradas de direitos dos estudantes, inclusive atuaremos proativamente na questão de regulamentação do álcool na Universidade com o objetivo de voltar a existir festas e espaços de happy-hour na Universidade.

Em todos os Conselhos nos comprometemos a fazer parte das comissões internas e acompanhar de perto todo o trabalho da reitoria sempre defendendo o estudante e buscando a melhoria de nossa Universidade. Acompanhe nosso trabalho por www.fb.com/uspinova e entre em contato com qualquer membro para dúvidas, sugestões ou para participar do projeto!

João Guilherme
Chapa USPInova

Compor e Ouvir



A disputa da Universidade é parte fundamental da construção de um novo projeto de sociedade. Por isso, unimos nossas vozes em coro por uma **produção de conhecimento que esteja a serviço da esfera pública e do povo brasileiro**, pela democratização do **acesso e maior permanência**, por mais transparência e **democracia nas instâncias de poder da Universidade**.

Para isto, temos um instrumento fundamental: o Movimento Estudantil e as nossas entidades. **Queremos que o DCE volte a ser transformador e questionador; coerente com sua história de luta pelas transformações do Brasil**. Visualizamos, hoje, um DCE distante da realidade dos estudantes; uma entidade que não dialoga com questões tocantes ao cotidiano da Universidade; que não mobiliza pautas de interesse público; que se fecha em si mesmo e justamente por isto não tem força para disputar a Universidade.

No quadro atual, observamos um grande descrédito dos estudantes em

relação ao movimento estudantil. Estamos cansados de discussões sem sentido que não alteram nossa realidade concreta; estamos cansados de disputas autodestrutivas dentro da esquerda; estamos cansados de um ME que só acontece na FFLCH.

Enquanto as políticas universitárias avançam na elitização da USP, na defasagem de seus canais democráticos, na implantação de fundações e no uso da estrutura pública para fins privados, o movimento estudantil se digladiava em assembleias gerais esvaziadas e circunscritas. Não por acaso, há anos as mobilizações e greves estudantis não conseguem vitórias concretas.

Queremos mais!

Para compor um novo ME, ouvindo a diversidade de perspectivas e opiniões, queremos um Movimento Estudantil com práticas menos hostis; que esteja em todos os cursos da universidade; que se aproprie da arte e da cultura para a construção de espaços mais atrativos; que debata política com o todo dos estudantes; que, de fato, democratize suas instâncias. Só assim o Movimento Estudantil da USP voltará a ser ativo e transformador.

Acreditamos: não estamos aqui para falar por ninguém, tampouco para fazer uma lista de pautas de cima para baixo. E não é nossa pretensão ensinar ninguém a fazer política. Tod@s nós, estudantes da Universidade, vivenciamos seu cotidiano e sabemos quais problemas nos estão postos. *Queremos construir o Movimento Estudantil junto com cada estudante da USP e sabemos que só assim teremos conquistas.*

Nossas vozes estão em coro. E cantamos por acreditar na possibilidade de um movimento estudantil que supere o quadro e as defasagens atuais. Cantamos pela certeza de que este movimento só se fortalecerá e ganhará coerência, na medida em que for construído por todos.

E queremos cantar com todas e todos! A construção de uma USP mais inclusiva e democrática deve extrapolar os muros da universidade. **Que a USP se pinte de povo**, pois só mudando o sujeito que está aqui dentro produzindo conhecimento e formando profissionais, transformaremos a Universidade rumo a um novo projeto para o nosso país: **Um Projeto Popular para o Brasil**.

Kyo Kobayashi
Chapa Compor e Ouvir

A reforma do silêncio: mobilizações na Poli

As recentes mobilizações politécnicas, como as rodas de conversa nos CAs e a Assembleia Geral dos Estudantes da Poli do último dia 23, desnudam o silêncio de uma universidade em crise. Afinal, diante das outorgadas proibições, a administração brada discursos múltiplos e justificativas genéricas, fantasia-se com o ilusório uniforme de diálogo e excelência, vocifera culpas em personagens etílicos, enquanto, além Tejo e das barricadas da dengue, esses estrelam como causa dos problemas anacrônicos, da falta de segurança e da reforma dos espaços acadêmicos. Logo, como nas palavras de Tagore “o homem mergulha na multidão para afogar o grito do seu próprio silêncio”, será que o(a) politécnico(a) está em uma multidão para enfrentar o silêncio caótico escondido atrás de tantas acusações? Ou para afirmar sua voz, que alimenta ideias, como apenas mais

um silêncio nessa grande ópera da ingenuidade cega?

Na Sherwood, a multidão revelou-se em aproximadamente trezentos participantes, dos quais um bixo e muitos representantes de centros acadêmicos, veteranos e veteranas trataram das ordens do dia. Dentre os silêncios desnudados, destacaram-se o debate sobre os espaços estudantis, a problemática estrutural da Escola Politécnica, a conjuntura acadêmica contemporânea, o acesso à Universidade pelo ENEM e por cotas, a representatividade do politécnico e o embate entre o diálogo ou outras formas incisivas de atitude.

A priori, os participantes informaram sobre o plebiscito (ocorrido entre os dias 27 e 29), o posicionamento quanto ao ENEM como forma de ingresso, a conjuntura das mesmas proibições na FAU e as rodas de conversas nos centros acadêmicos, as quais continuarão acon-



tecendo. A posteriori, após os informes, as ordens do dia foram discutidas por aqueles dispostos a falar por dois minutos e levantar temáticas e propostas.

A principal temática levantada fora a questão da reforma e readequação dos Centros Acadêmicos, a qual, segundo os alunos, não é exatamente explícita quanto à finalidade e às motivações. No entanto, as consequências são previsíveis; como a limitação - provocada pela ausência de espaços - dos projetos desenvolvidos por grupos de extensão, das discussões e mobilizações estudantis, e também a fragilização da representatividade do politécnico.

Diante do silêncio incerto dos vocábulos de “readequação” e de “reforma”, alunos propuseram expandir esses termos para além dos Centros Acadêmicos, a fim de reestruturar a Escola Politécnica em visíveis problemas apresentados, como:

- A falta de segurança, tal qual observada no assalto do professor Cardoso em frente ao prédio da Eng. Elétrica, no roubo das câmeras do CMR.

- A questão sanitária alarmante, como os banheiros precários do prédio da Civil e de outros prédios, os galhos não aparados das árvores da Sherwood, os matagais inultrapassáveis e os consequentes focos de dengue. Além da ausência do controle de pragas.

- A problemática acadêmica observada na estrutura densa de algumas matérias, em conhecimentos não consolidados por motivos didáticos, no descumprido regime de dedicação por parte de alguns professores, na inércia diante do assunto de cotas (cerca de 7% dos alunos USP são negros e, segundo a representante do movimento negro, há 20 anos tentam diálogo) e nos cortes de

gastos e subsídios para projetos, como do CFI (Curso de Francês para Iniciantes) sem salas para ministrar aulas.

Além dessas propostas, uma veterana ilustrou a importância do politécnico questionar a inversão do discurso da causa pelo efeito. Afinal, ao valer-se, por exemplo, do discurso acusatório do álcool como motor para a execução de políticas proibitórias além do consumo de bebidas - como a incompreendida “readequação” dos CAs -, transfigurou-se erroneamente o espaço estudantil às festas e bebida. Ainda sobre a proibição de álcool, representantes de centros acadêmicos relataram a falta de coerência na regulamentação - do que deve ser aceito ou não sujeita à aprovação a cada evento planejado.

Um argumento levantado por um politécnico sobre a pesquisa de opinião dos pais de calouros, feita pela Lean Survey na reunião do começo do ano letivo, denota o quadro de preocupações mais urgentes para a decisão de uma possível reforma, como os 82% dos pais preocupados com a segurança dos filhos na faculdade, os 50% receosos do consumo de álcool e os 60% atentos de que a faculdade não é apenas um lugar de estudo.

A reforma é ainda indeterminada. Contudo, na Assembleia Geral, os alunos delinearam o momento de união como o agora para que, por meio do diálogo ou de outras possíveis mobilizações, a reclamação congênita do politécnico possa ser projetada em um caminho possível de discussão e representação e não figurar apenas como mais um silêncio na multidão dos gritos incertos.

Larissa Zipoli
Engenharia Civil - 1º ano

Resultados das pesquisas com os pais

Dos tópicos abaixo, quais são as suas principais preocupações em relação ao ingresso do seu filho na USP?



Dos tópicos abaixo, quais são as oportunidades oferecidas pela USP que você acredita que tem mais valor?





ThundeRatz ganha medalha de prata e bronze em campeonato mundial nos EUA

Após 14 anos de sonhos, muito trabalho e apoio da Escola Politécnica, a equipe de robótica da Poli-USP (ThundeRatz) confirma sua chegada ao cenário internacional de competições em robótica. Após um pódio no Japão no final do ano passado, a equipe acaba de levar mais uma vez o nome da Poli-USP - e a bandeira do Brasil - a mais dois pódios mundiais.

Em 2001, a ThundeRatz se constituiu como um grupo de extensão universitária da Poli-USP e vem se consolidando no propósito de estudar, projetar e construir robôs móveis para competições nacionais e internacionais.

Neste mês, a equipe disputou um importante campeonato de robótica - de nível mundial - que acontece nos Estados Unidos: a RoboGames. O evento é a maior competição de robótica do mundo e acontece anualmente na cidade de San Mateo CA; havendo ocorrido, neste ano, entre os dias 3 e 5 de abril. Contemplando 56 das mais diversas modalidades, inclui desde robôs de combate com mais de 100kg até robôs "bartenders". Apesar de ser a primeira vez que a equipe participa desta competição, no retorno ao Brasil, a bagagem veio com um peso maior: uma medalha de prata e uma bronze.

A ThundeRatz recebeu a medalha de prata pelos méritos do desempenho de seu robô ThunderBlock - um robô autônomo da categoria Sumô Lego até 1kg, construído apenas com material da LEGO e projetado para localizar o robô adversário e empurrá-lo para fora de uma arena. Já a medalha de bronze honrou o sucesso do robô ThunderWaze - um robô autônomo da categoria Robomagellan (semelhante à Trekking, no Brasil) dotado de diversas tecnologias como sonares, bússola eletrônica, GPS e um sistema de análise computacional de imagem, para ser capaz de localizar objetos (cones) dispostos em pontos pré-definidos em uma área, sem nenhum auxílio ou comando externos. Com esta conquista, de quebra, a ThundeRatz se tornou a primeira equipe não-americana a subir ao pódio na categoria.

Nesta competição a equipe também

participou com outros robôs de modalidades distintas, como sumô rádio controlado, sumô autônomo, mini-sumô e em quatro categorias na modalidade de combate. Apesar do nome, os robôs de combate nada tem a ver com atividades bélicas nem futuras aplicações militares, ainda que sejam robôs que duelam em uma arena blindada colocando à prova suas capacidades mecânicas e eletrônicas em lutas.

Robôs estes que, apesar de não terem chegado ao pódio, também conquistaram boas colocações como o 4º lugar do robô Apokalipse (middleweight: combate, até 54,5kg), o 9º lugar do K-Torze (lightweight: combate, até 27,2kg), o 5º lugar do Iskeiro (beetleweight: combate, até 1,36kg) e o 6º lugar do Duende (antweight: combate, até 454g).

A ThundeRatz não foi a única equipe a representar o Brasil neste evento. Junto com as equipes RioBotz (da PUC-Rio), Uai!rrior (da UNIFEI), Kimauá-nisso (do IMT), entre outras, construíram a façanha de colocar o Brasil em 3º lugar no ranking de medalhas da competição. Juntas, essas equipes ganharam 13 medalhas para o Brasil.

Apesar do caráter lúdico destas competições, o nível técnico das equipes e tecnológico dos robôs não perdem em nada para o estado da arte da robótica e automação na indústria atual. A engenharia de hardware, software e projeto mecânico são totalmente realizados pela equipe, bem como a fabricação que é realizada quase totalmente por seus membros.

A equipe é grata ao Departamento de Engenharia de Telecomunicações e Controle (PTC) na pessoa do Prof. Dr. Oswaldo Luiz do Valle Costa, ao Departamento de Engenharia de Computação e Sistemas Digitais (PCS) na pessoa do Prof. Dr. Antonio Mauro Saraiva, ao Departamento de Engenharia Mecânica (PME) na pessoa do Prof. Dr. Jurandir Itizo Yanagihara, ao Departamento de Engenharia Mecatrônica e de Sistemas Mecânicos (PMR) na pessoa do Prof. Dr. Emilio Carlos Nelli Silva, à diretoria da Poli-USP na pessoa do Prof. Dr. José Roberto Castilho Piqueira, além do Grêmio Politécnico e do fundo patrimonial

Amigos da Poli, por acreditarem na importância da extensão universitária e apoiarem os grupos de extensão, como a ThundeRatz. Essa nossa conquista não seria possível sem o generoso apoio destas instituições.

Nosso próximo desafio já está agendado: a equipe disputará o Winter Challenge XI que acontecerá entre 5 e 7 de junho, no Instituto Mauá de Tecnologia, em São Caetano do Sul. Afinal,

são desafios assim que atestam o nível dos engenheiros formados pela Escola Politécnica da USP.

Para mais informações sobre nossa equipe curta nossa página no Facebook (facebook.com/thunderatz). Se você quiser ver os vídeos de nossas competições, acesse nosso canal do YouTube: youtube.com/thunderatz.

Clebson Henrique de Moura

24ª Semana de Cultura Empresarial



A Semana de Cultura Empresarial (SCE) busca ajudar os alunos no direcionamento de sua carreira profissional desde os primeiros anos da graduação. Por meio de diversas atividades, os alunos passam por experiências e adquirem conhecimentos que não estão no currículo presentes na graduação, garantindo maior consciência de seu futuro no mercado de trabalho.

A 24ª edição ocorrerá entre os dias 8 e 12 de junho, nas dependências da Escola Politécnica da USP, e contará com diversas atividades. Entre elas, teremos palestras de grandes nomes do mercado brasileiro, como Luiza Helena Trajano, fundadora do Magazine Luiza, e Edgard Corona, fundador da Bio Ritmo e Smart Fit. A SCE também

contará com minicursos e oficinas que visam transmitir algumas das principais competências necessárias a um profissional no mercado de trabalho; working days, para se vivenciar um dia de trabalho em grandes empresas dos ramos de indústria, consultoria e banco; mesas redondas e um bate-papo, atividades com o objetivo de transmitir a realidade das empresas expondo seus valores e sua cultura.

Além disso, a SCE é um evento que possui engajamento com projetos sociais. Nos últimos dois anos, as ONGs Matemática em Movimento (2013) e Vidas (2014) foram beneficiadas através de atividades financiadas pela conversão integral do valor arrecadado com os ingressos das atividades da Semana. Em 2015, a ONG beneficiada será a ABC na Boca do Povo, ONG que auxilia cerca de 300 famílias de uma comunidade no bairro Cangaíba através de atividades educativas, culturais e esportivas, além de contribuir com o financiamento do ensino superior de alguns jovens moradores.

A venda de ingressos começa dia 21 de maio, nos prédios da Escola Politécnica e na sede da Poli Júnior; porém, a reserva pode ser feita pelo site sce.polijr.com.br a partir de semana que vem.

Confira nossa programação no site e aplicativo e curta nossa página do facebook para receber informações sobre todas as atividades!

Não deixe de comparecer!



Conexão Poli USP – Poli Milão: duplo diploma visto ao contrário

Quando entramos na Escola somos bombardeados com informações sobre intercâmbios e fazer um acaba se tornando o objetivo de muitos. Pensando nisso, nosso “O Politécnico” sempre procura alunos da Escola espalhados pelo globo, para que compartilhem suas experiências e sirvam de exemplo e inspiração. Mas dessa vez, que tal conhecer a história de alguém que fez o caminho inverso? Isto é, alguém que saiu de um longínquo país para vir estudar na nossa Escola. Veja o que o italiano Edoardo Melloni, ex-aluno de Duplo Diploma do convênio Poli-PoliTo tem a dizer.

OP) De qual universidade italiana você veio? E qual curso fazia?

Eu era estudante da Politécnica de Torino e no momento em que me candidatei ao intercâmbio, cursava o 4º ano de engenharia química.

OP) Porque você decidiu tentar um intercâmbio na Poli?

Eu queria ter experiências internacionais e fora da Europa. A princípio, meus interesses eram China e Brasil. No fim, não precisei escolher, pois os acordos entre minha universidade e as da China não foram fechados a tempo de eu me inscrever. Tinha lido coisas muito boas em relação à Escola Politécnica e estava bastante convencido em ir para essa boa Escola.

OP) Como foi seu processo seletivo para vir para Poli?

O processo de seleção é baseado principalmente na média do aluno e no tempo de cumprimento do primeiro diploma (que na Itália se chama “Laurea Triennale”), relativo aos três primeiros anos de curso. Quanto mais atraso você tiver para conseguir esse diploma, menos pontos de “bônus” você tem na média. O processo também depende do número de vagas disponíveis.

OP) O que você cursou na Poli?

Teve liberdade para escolher disciplinas?

Cursei Engenharia de Petróleo. Estar vinculado ou não às disciplinas depende do departamento. Tive amigos da Itália que tiveram que cursar todas as disciplinas do 4º e do 5º anos aqui. Eu tinha vínculos com disciplinas italianas, isto é, tinha que cursar disciplinas parecidas na Escola Politécnica. Além disso, deveria cursar todas as disciplinas de Engenharia de Petróleo, que é a especialização. Com os créditos que sobraram, poderia cursar disciplinas de outros departamentos, mas não foram muitos.

OP) Poderia comparar os cursos daqui e da Itália? E as universidades também, na questão de estrutura, apoio ao aluno, burocracia, etc.

Acho que a base teórica dos alunos na Itália costuma ser mais forte, e isso facilita bastante quando o aluno italiano chega ao Brasil e precisa estudar para muitas provas ao mesmo tempo. Por outro lado, trabalhos em grupo e laboratórios são mais desenvolvidos na Escola Politécnica, que ajuda na formação prática do aluno. Burocracia é bem parecido, tanto o Brasil quanto a Itália possuem muita burocracia. Já quanto ao apoio ao aluno, achei que na Poli era bem mais eficiente que na Itália. Além disso, acho a estrutura na Politécnica e na USP maravilhosa. Os centrinhos, associações de estudantes, CEPE, festas... Isso tudo é menos desenvolvido em Milão. Para ser mais claro, na USP, além de ser um lugar para estudar, é um lugar de vida. Na politécnica de Milão e na Itália, de forma geral, as universidades são lugares de estudo e ponto.

OP) Aqui você fez o mestrado junto com a graduação. Porque você decidiu fazer isso e como foi levar os dois cursos?

Decidi fazer o mestrado porque o semestre estava “leve” na graduação. Então, decidi participar do processo seletivo para uma bolsa de mestrado utili-



zando o meu diploma de “Laurea Triennale”, que obtive após três anos na Itália. Deu certo e consegui entrar no mestrado da Engenharia Química com bolsa do CNPq. Isso foi excelente para mim, pois consegui desenvolver um projeto de pesquisa e ainda me ajudou a me sustentar no Brasil. Além disso, quando eu voltasse à Itália, deveria apresentar uma tese relacionada à Engenharia Química, por isso tentei o mestrado nessa área. Dessa forma, poderia aproveitar minha tese na Itália também. As teses na Itália de conclusão do curso de cinco anos, geralmente são maiores que os TCC’s no Brasil, sendo mais parecido com uma tese de mestrado brasileira.

OP) Após se formar, você começou a trabalhar direto? Qual foi a importância desse duplo diploma para sua carreira profissional?

Em Julho de 2014 me formei no Brasil e voltei para a Itália. Em Outubro me formei na Itália e duas semanas depois comecei a trabalhar. Estou

trabalhando na Amec Foster Wheeler. A empresa gerencia projetos mineiros, de petróleo (upstream), de refinaria e farmacêuticos. Nós tratamos os projetos desde os primeiros estudos de viabilidade técnica/econômica, passando pela engenharia de detalhe, até a construção.

Minha área de atuação na empresa por enquanto é nas refinarias, o que é mais orientado para a Engenharia Química, mas nada impede um dia eu experimentar alguns projetos de upstream, mais orientados para a engenharia de petróleo.

O Duplo Diploma foi muito importante para encontrar um emprego, pois uma experiência internacional é muito valorizada pelas empresas, especialmente as multinacionais. Além de demonstrar a habilidade de adaptação das pessoas, saber um idioma a mais é sempre bem visto pelas empresas.

Diego Andriolo
Engenharia de Minas – 5º ano

ACELERANDO STARTUPS

Atenção potenciais empreendedores e entusiastas do assunto, já ouviram falar em “Programas de Aceleração de Startups”? Sua definição é bastante simples: auxiliar empreendedores a criar e validar os modelos de negócios das suas startups. São oferecidas mentorias de diversos especialistas do mercado, atuando de forma bem próxima a você e a sua empresa nascente. Imagine que se o mercado fosse uma grande competição esportiva, o Programa de Aceleração seria o seu período de treinamento e os mentores, seus técnicos. É possível sim que você possa se preparar e se tornar apto aos mais altos níveis de competição treinando por conta própria, porém é um caminho muito mais tortuoso do que contando com o auxílio qualificado. Mantenha essa analogia em mente, o mercado é um ambiente bastante competitivo, testa os poderes das empresas, e, o mais importante, a resiliência dos empreendedores. Talvez seja esse o detalhe mais importante de um bom Programa de Aceleração – o foco nos indivíduos, os agentes da inovação, atualmente chamados de empreendedores.

Esse detalhe não é nada trivial, são os empreendedores que criam as star-

tups. É com esse pensamento que a Startup Farm seleciona as equipes para participarem de seu Programa de Aceleração. O foco é na equipe, o investimento é feito nas pessoas. Um ponto de destaque é a valorização de uma equipe que apresenta complementariedade de perfis, aspecto essencial no bom funcionamento de qualquer projeto.

A Startup Farm não foi citada por acaso. O seu programa de aceleração está na 12ª edição, funcionando pleno vapor durante todo esse mês de maio até o dia 11 de junho. Se você, potencial empreendedor, pensa em tirar os seus projetos dos sonhos e realmente começar a botar a mão na massa, fique atento e vá se preparando para participar da 13ª edição. Do total de inscritos, são selecionadas quinze equipes para participar. Mesmo que a sua equipe não seja selecionada, só o processo de preenchimento da ficha de inscrição já instiga os empreendedores a pensarem em seu negócio de maneira mais eficiente, para que sejam capazes de elaborar as respostas necessárias. Além disso, os participantes recebem um feedback dos avaliadores nesse processo de seleção, que os auxiliam a melhorar pontos estratégicos do seu negócio ou para que tentem novamente na próxima edi-



ção. São aceitas equipes de duas a quatro pessoas, sem restrição quanto à área de atuação da startup. O programa possui duração de cinco semanas e exige que pelo menos dois dos membros possuam dedicação full time no processo. São aplicadas diversas metodologias para o desenvolvimento do negócio, como Business Model Generation, Lean Startup e Design Thinking, sempre com o acompanhamento dos mentores e com avaliações semanais para verificar o processo. As startups que se provam como um modelo de negócio sustentável, ganham a oportunidade de se apresentarem para o mercado, no evento denominado “demo-day”, e receberão prêmios de acordo com

a sua colocação.

O Jornal O Politécnico se vê no compromisso de aproximar cada vez mais o mundo empreendedor para dentro dos altos muros da universidade. Acreditamos que a divulgação de um programa de aceleração de startups que se mostra eficiente em seu propósito se encaixa perfeitamente em nossos objetivos. É fácil constatar a importância de um treinamento realizado de maneira séria quando as conquistas são obtidas. Que os empreendedores acelerem seus sonhos e cresçam com as suas startups.

Bruno Pereira
Engenharia Ambiental – 5º Ano

Hora de correr atrás

Nos últimos tempos, a Poli tem passado por algumas mudanças, como a EC3 e a reinauguração dos Anfiteatros do Biênio. Elas são necessárias para ficar sempre atualizado e adaptado ao mundo. Porém, como muitos podem perceber, além das positivas, há também algumas negativas, cada vez mais presentes em nosso meio acadêmico, trazendo-nos a um processo retrocedente, como a falta de diálogo e acordo entre estudantes e autoridades, além da necessidade de mais mudanças.

Recentemente, o programa de línguas CFI, um curso de francês para politécnicos a um preço mais acessível, teve seu financiamento cortado pela Escola e perdeu a sala do biênio, centro

de informações do curso e de armazenagem de material, gerando uma série de desconfortos e dúvidas acerca do assunto. Procurado, o diretor José Roberto C. Piqueira declarou que a interrupção do apoio financeiro ocorreu devido à falta de informações mais detalhadas do curso, por escrito, como quantidade de alunos, gastos, seu andamento, que não havia antes; e que poderia conseguir um outro espaço na Poli. Na realidade, a sala em questão passará a ser um espaço para utilização da ParisTech, uma estrutura de cooperação entre grandes escolas francesas, e da Yokohama National University, tradicional japonesa, que, no começo do ano, acertou detalhes para assinatura de acordo de Diploma Duplo para o programa de doutorado em En-

genharia Naval e Oceânica.

O aumento da internacionalização da USP é muito importante para o crescimento da universidade, com os programas de intercâmbio, por exemplo. Por isso, o estudo de línguas deve ser incentivado, até porque é importante para o desenvolvimento intelectual e empírico. Em geral, pode-se notar que são poucos aqueles no país que falam mais de um idioma e, menos ainda, os que sabem além do inglês e do espanhol, o que limita as pessoas a não experimentarem de modo profundo uma segunda vida, segunda cultura.

A Poli já passou por algumas mudanças, e precisa de muitas outras, como resolução de problemas de estruturas, de segurança, de ensino. É preciso de ino-

vação, contemporaneidade. Deve-se saber mais o que a juventude, os estudantes querem, preferem, utilizam e o que já está ultrapassado. A realidade é que os professores e autoridades mais velhas apresentam conhecimento, mas precisam adaptar suas ideias e atitudes para o mundo atual. De maneira análoga, mesmo quem sabe um idioma terá dificuldades em conversar com outros falantes, se não se atualizar. É assim que um mundo globalizado e avançado funciona. Resta-nos torcer por boas e sábias mudanças ou assistir a mais senhoras e senhores de nosso país fazendo escolhas erradas.

Bruno Soiti
Engenharia Naval – 2º ano

O Nosso InovaLab

Caros politécnicos, por vezes, surpreendemo-nos relembrando os motivos que nos levaram a escolha de uma carreira na engenharia. Excluindo-se o critério “porque o salário é bom”, o qual não será analisado o seu valor ou veracidade neste texto, uma das respostas mais comuns são “porque eu gostaria de construir coisas/desenvolver projetos/ver como as coisas funcionam/solucionar problemas” e outras tantas que seguiriam uma linha de pensamento semelhante. Aquele velho espírito inventor e criativo que poderíamos observar em desenhos inocentes como Laboratório de Dexter ou nas clássicas histórias do Professor Pardal. Desenvolver projetos que auxiliem nas resoluções dos problemas da sociedade, ou até melhor, da humanidade. Este é o cerne da engenharia, o seu motivo mais nobre, desde o início dos tempos.

Uma vez sentado nas cadeiras da Escola Politécnica, seja no primeiro ano ou já no quinto, temos a sensação do estudo por aqui ser excessivamente teórico com uma carga prática baixa (salvo exceções), sendo a maioria das atividades práticas ligadas às extensões. Não é a intenção deste texto também negar a importância de um ensino teórico forte. O conhecimento teórico de qualidade e bem consolidado é um grande diferencial de um profissional qualificado. O problema é que aquele “espírito inventor” vai se enfraquecendo se a prática não for realmente colocada em prática. Por que

não unir o melhor dos dois mundos? Teoria e prática fortes andando lado a lado. Esse é o caminho adotado pelas principais e mais respeitadas escolas de engenharia ao redor do mundo, e que nós, aqui da Poli, também estamos começando a trilhar. Uma iniciativa como a criação do InovaLab, localizado no prédio da Engenharia de Produção, segue exatamente essa tendência. Visando a importância deste laboratório no desenvolvimento do ensino da engenharia, nós, do Jornal O Politécnico, conversamos com o professor Eduardo Zancul, membro do núcleo de coordenação do laboratório, para trazer todas as informações necessárias para que os alunos aproveitem de todo o material disponível e contribuam com o seu desenvolvimento.

Como dito anteriormente, o InovaLab é uma iniciativa bem recente. Teve seu projeto aceito pela Pró-Reitoria de Graduação em 2012, iniciando sua operação em maio de 2013. São apenas dois anos de vida. É um laboratório dividido em quatro ambientes: **uma sala de aula** (D2-10) da Engenharia de Produção, a maior do prédio, onde é possível discutir e lecionar sobre elaboração de projetos; **uma sala de projetos**, localizada no primeiro andar do mesmo prédio, a qual é equipada com softwares de engenharia, modelagem 3D e cálculos, quatro impressoras 3D abastecidas com o material necessário, sendo sua manutenção realizada por monitores do laboratório ou por alunos que se



dispuserem a ajudar, duas salas de reuniões com televisores e câmeras web para a realização de vídeo conferências, além de materiais de papelaria para a elaboração dos trabalhos iniciais dos projetos; **uma oficina mecânica**, equipada com EPIs, cortadora a laser, centro de usinagem e torno CNC, e também ferramentas manuais para os alunos utilizarem nos projetos; **uma oficina eletrônica**, com uma gama de recursos básicos necessários para montagens eletrônicas, como um osciloscópio, entre outros materiais.

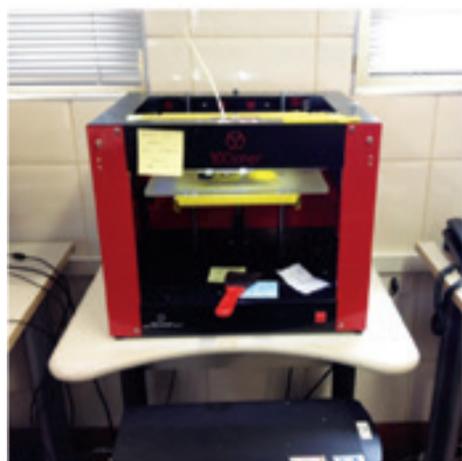
Não existem grandes burocracias para que os alunos interessados usufruam dos recursos. Basta apenas ir nas salas de oficinas ou procurar os monitores e estagiários responsáveis pelo laboratório, ou até mesmo o professor Zancul. Percebe-se facilmente o interesse para que o laboratório seja cada vez mais utilizado e aproveitado, a ideia é que ele esteja bem à disposição. Porém, é de extrema importância que nós zelemos pelo espaço. É necessário transmitir uma cultura de trabalho que cuide do ambiente, em se tratando de organização e limpeza, e, principalmente, uma cultura de trabalho com muita segurança, utilizando adequadamente os EPIs (óculos, máscaras, luvas e protetores auriculares) e os recursos e máquinas dos laboratórios.

Apesar de recente, o InovaLab já é bastante utilizado. O perfil dos usuários também é bastante variado, desde grupos de extensão e empre-

sa júnior utilizando a impressora 3D para a prototipagem de peças e equipamentos, até alunos que realizam trabalhos de fim de curso das mais variadas áreas da Poli, ou alunos em *startups* que se utilizam do espaço e equipamentos para as suas próprias prototipagens e desenvolvimento do projeto, como foi o caso da InfoPrice, ou mesmo alunos do primeiro ano na disciplina de Representação Gráfica ministrada pelo PCC (o software CAD utilizado, NX, está disponível no InovaLab). Todo aluno terá pelo menos um bom motivo para a utilização do espaço, independentemente do seu ano ou formação.

Um grupo de extensão que praticamente se incorporou ao InovaLab é o NEU (Núcleo de Empreendedorismo da USP), o qual abordamos também na edição anterior. O que se constata é quase que uma relação de casamento entre ambos, o NEU complementa muito o InovaLab, e o espaço oferecido do InovaLab para abrigar o NEU se tornou fundamental para a evolução do núcleo. O mote do InovaLab é: “crie, projete, prototipe e empreenda”. A parte tecnológica e metodológica da criação do produto é muito forte no laboratório, mas havia uma debilidade no “empreenda” em relação a conteúdo e pessoal, parte a qual o NEU cumpre com muita eficiência. Há uma sinergia bem grande entre os projetos.

Não por acaso esse texto se encerra com as maneiras pela qual os alunos podem ajudar na manutenção





e no desenvolvimento do InovaLab, para consolidar a conquista de um espaço com esse propósito. Nós temos sim um papel essencial no seu bom funcionamento. Segundo o professor Zancul, as formas pelas quais atingiremos esse objetivo são bastante simples e possíveis de serem realizadas. A primeira medida **seria utilizar o espaço ao máximo**. Nenhuma ideia, equipamento ou boa vontade terá sentido se o espaço não for verdadeiramente aproveitado. Os alunos são a força motriz que fazem as engrenagens girarem, sem eles,

tudo aqui discutido será em vão. A segunda medida é **trabalhar com segurança**, especialmente nas oficinas. Nada é mais importante do que a sua saúde ou integridade física. **Cuide do ambiente de trabalho**, desenvolva essa boa cultura citada anteriormente para que todos possam fazer o bom proveito do ambiente. Recolha o lixo, arrume as cadeiras, pequenas práticas que auxiliam bastante. Àqueles que quiserem se engajar nas turmas que realizam manutenções das impressoras 3D também são muito bem vindos. Por último, **tenha paciência**.

Tudo aqui é bem recente e suscetível a falhas. É possível que você chegue para utilizar um espaço no fim de tarde e ele esteja lotado, ou que alguma das impressoras estejam quebradas. O trabalho em conjunto, entre alunos, monitores e coordenadores é muito mais eficiente. É possível melhorar, dê as suas ideias, avise a algum responsável caso um material acabe, corram juntos para conseguir o que é necessário.

Acesse o site "<http://sistemas-producao.net/inovalab/>" para conferir todas as informações adicionais

que você possa precisar. Siga as dicas descritas nesse texto. Faça bom uso desse grande laboratório que está totalmente a nossa disposição. Faça seu projeto tomar vida aqui dentro. Traga novamente um pouco mais da prática para alimentar aquele velho espírito inventor que ainda há dentro de você. Vamos construir um grande laboratório de inovação juntos. O espaço está aí a sua espera, aproveite!

Bruno Pereira
Engenharia Ambiental – 5º Ano

IYPT Brasil 2015



B“ósons do Cerrado”, “Física do Paranauê”, “Pequi de Newton”, “Tropa de Lítio”... Essas foram algumas das equipes participantes na edição nacional do IYPT (Torneio Internacional de Jovens Físicos), que aconteceu entre os dias 24 e 26 de abril.

Diferentemente de outras olimpíadas científicas para o ensino médio, não é aplicada nenhuma prova. Os estudantes, reunidos em equipes, participam de PFs (Physics Fights), onde debatem sobre 17 problemas de física de solução aberta apresentando seus modelos teóricos e experimentos. Neste ano, as questões incluíam construir um diodo “bigode de gato”, explicar por que tecidos parecem mais escuros quando molhados e investigar “como o formato do copo, a velocidade da caminhada e outros parâmetros

afetam a probabilidade de o café ser derramado durante o percurso”.

“Isso faz com que o aluno pense em inovação e faça coisas diferente do convencional”, disse o Prof. João Antônio Martino, docente do PSI e representante da Poli na abertura do evento, que desde 2010 acontece no anfiteatro da administração. “É um prazer enorme da Poli há muitos anos ter a oportunidade de receber alunos deste porte”.

Ao longo do sábado e da manhã de domingo, aconteceram 3 PFs classificatórios no campus da UNIP Jaguaré, com muitos debates calorosos e algumas pérolas (“Eu não usei Clapeyron, não ponha palavras na minha boca. Eu usei $PV=nRT$ ”). À tarde, a final foi disputada entre as equipes Integraldo, Físicos(X) e Lambda 4. Os problemas apresentados foram, respectiva-

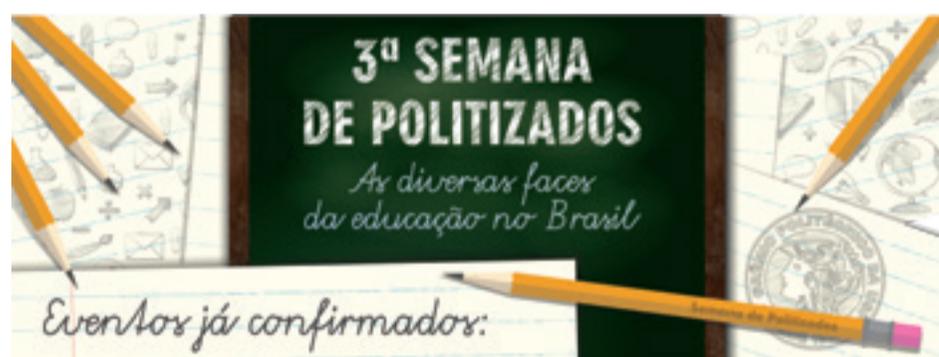
mente: investigar a coluna de fumaça que sobe quando uma vela é apagada; construir um planador com dois copos leves colados e arremessado por um elástico; e testar se uma garrafa cheia de líquido pode ser usada como lente para queimar uma superfície.

No fim, a medalha de ouro foi para a equipe Físicos(X). Integraldo, Lambda 4, Pequi de Newton e Sigma ficaram com medalha de prata. Cada uma dessas cinco equipes tem uma

vaga na seleção brasileira. O torneio internacional deste ano acontece em Nakhon Ratchasima, na Tailândia, no final de junho.

Para saber o enunciado dos 17 problemas, como funciona um PF ou como foi o torneio nacional, acesse: <http://www.iypt.com.br/>

Luis Felipe Gaivão
Engenharia Mecânica – 2º ano



25	11:00	Ensino de Engenharia no Brasil (Mesa Redonda) com José Roberto Castilho Piqueira e Fernando Sakane
	17:00	Teorias da Educação com Clóvis de Barros Filho
26	11:00	Ensino de base: a Situação de São Paulo com Fernando Padula Novaes
	17:00	Ensino de base: o Papel da Sociedade Civil com Irineu Gianesi
27	11:00	A Cultura do Empreendedorismo aplicada à Educação com José Goldemberg
28	11:00	Uso de tecnologia na Educação com Antonio Carlos Hernandes
29	11:00	Papel das Universidades Estaduais com Marco Antonio Zago

A sobrevivência em uma Poli sem festas

Os centros e associações acadêmicas das universidades públicas, em sua maioria, tem como importante fonte de renda o dinheiro arrecadado em eventos. A maioria desses eventos são festas e/ou confraternizações nas quais ocorrem a venda e/ou o consumo de bebidas alcólicas. Haja visto a recente proibição (com fiscalização regular) de álcool nas dependências da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, seus estudantes não mais poderão tomar aquele quissuco para esquecer o sofrimento após uma dura, fatigante, árdua, penosa e enervante semana de provas. Os centros acadêmicos, por sua vez, terão que encontrar uma outra maneira de arrecadar o tão substancial dinheiro que outrora era conseguido pela venda do goró.

Deixando de lado o cerne moral da polêmica proibição que, como sabemos, divide a opinião das pessoas quanto ao ancestral papel das bebidas fermentadas (e as vezes destiladas, três vezes destiladas) como difusoras de ideias e filosofias no meio universitário, a ideia é apresentar os meios pelos quais essa situação pode ser contornada sem afetar a arrecadação dos centros acadêmicos ad-

vinda da venda do suco da risada e sem privar os politécnicos de esvaziar o corote. Obviamente, nem todos os estudantes afogam suas mágoas na água que arde, alguns afogam no chocolate, outros no Lolzinho, outros na raia mesa de poker jogando com a avó de madrugada.

E quais seriam esses meios de contornar essa situação de proibição? Ora, os centros acadêmicos não são somente um lugar para jogar bilhar, mas também um lugar para jogar PS4 onde se reúnem pessoas com grande know-how e vasta experiência em organização de eventos. Por que não usar isso para fazer eventos que obedeçam o decreto de não-consumo de álcool? Por que não chás de bebês? Coffee breaks em velórios? Festas infantis? Bingos para idosos? Os problemas de arrecadação de centros e associações acadêmicas acabariam lindamente. As possibilidades são infinitas, para esses eventos podem ser usados grandes espaços da universidade que estão subutilizados: um bingo nos anfiteatros vermelho e amarelo com open-insulina, uma festa infantil na FAU (naquele pátio/salão/foyer/não sei o que é aquilo) e na sequência, não por acaso, um velório no velódromo!

Com respeito aos politécnicos que sentem falta de jorro nas festas, modos razoáveis de lidar com essa ausência ainda podem ser encontrados. Se o único objetivo é entorpecer a mente, as aulas de Algelin vão estar sempre lá, pois todos sabemos que ½ aula de Algelin equivalem à duas doses da danada. Contudo, as aulas de Algelin estão em vias de serem banidas, pois uma vez um aluno morreu em aula (foi pro R4 e não voltou mais). Então os alunos teriam que apelar para Deus e abrir grupos de extensão religiosos para poder encher a cabeça de vinho episcopal e chá de Santo Daime. Esses grupos de extensão poderiam ser instalados no prédio da Produção, já que atualmente nenhuma engenharia está sendo lecionada lá. A relação custo/benefício, contudo, torna inviável a adoção dessa solução graças ao absurdo aumento do dízimo.

Depois desse longo e racional raciocínio, percebe-se que não há solução imediata à seca imposta na Escola Politécnica que não seja o diálogo cuidadoso. É óbvio que propagar o ódio contra a situação nas redes sociais não vai ajudar muito. Haters não melhoram situação nenhuma, ainda mais haters bêbados. Vamos sobreviver,

afinal, à lei seca. E tendo em vista o método falho de ensino em nossa instituição; a infraestrutura precária dos laboratórios, salas de aula e banheiros; o crescente número de casos de dengue e de crimes no entorno da escola; o menor dos nossos problemas é a lei seca. A melhor opção, enfim, para quem quer entornar até ficar bambo, queimar o óleo 90 e chamar Jesus de Genésio, ainda é ir nas festas organizadas fora da cidade universitária, onde podem ser encontradas diversas opções de suco da risada e chumbar até o pau torar até capotar até cair o chão é o limite.

Observação: Esse texto é uma sátira e não corresponde à realidade e não deve ser lido.



Aluno Zuero
Engenharia de 4º ano

Greve produtiva

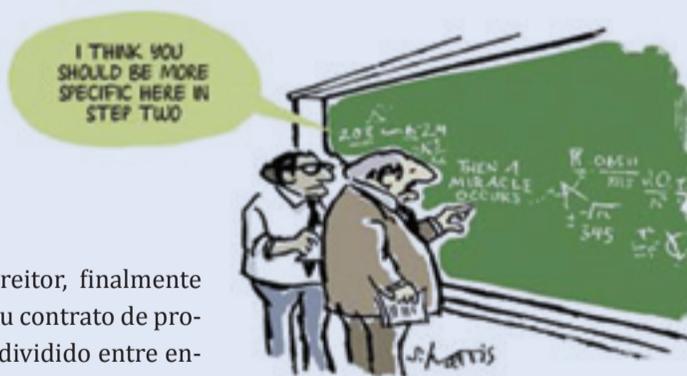
-Fora Marco! A USP vai parar! – bradava um professor em mais uma greve da USP.

Greve na USP, qual a novidade? Muitas. Pela primeira vez na história, uma greve na USP é composta exclusivamente por professores, sem apoio de alunos e funcionários. E mais do que isso, nossa querida Escola Politécnica aderiu, com 82% dos professores lutando pelos seus direitos. E o motivo para esse fato quase inédito está na aprovação do contrato de produtividade para os professores.

Com o objetivo de acertar as contas da Universidade ao mesmo tempo em que eleva o nível do ensino,

Marco Nobre, atual reitor, finalmente conseguiu aprovar seu contrato de produtividade, que será dividido entre ensino e pesquisa. No ensino, os professores passarão por avaliações periódicas, que verificarão a qualidade do material usado em sala de aula, sua didática e o quanto os alunos estão de fato aprendendo. Essas avaliações resultarão em fatores multiplicativos, que junto com o salário base e uma fórmula muito complexa para explicar para os alunos, resultará no salário final.

- Isso é um absurdo! Sou professor-doutor-titular-capitão-mor-pica-das-galáxias desde 1961 nessa Universida-



de e agora corro o risco de ter que pagar para trabalhar! Quero ver quem vai ter a audácia de dizer que as transparências que meu escravo aluno de IC fez em 1973 e uso até hoje em aulas, não são didáticas – desabafou o ProfºDr.Tit. Cap.Mor.PdG. Peter O. Dáctilo.

- Alguns professores têm a mente muito fechada, é preciso acompanhar as novas tecnologias. Eu mesmo produzo meu datashow, escaneando (sic) as páginas importantes do livro texto. Os

alunos poderiam simplesmente pegar o livro na biblioteca, mas assim eu uso as modernidades e consigo falar a mesma língua dos jovens – rebateu um professor que não quis se identificar e com grande dificuldade em entender que o conteúdo da aula é mais importante que usar slides.

Apesar das críticas, Nobre defende a ideia: “O professor bom, que consegue passar o conteúdo de maneira minimamente inteligível, será valorizado. Já aquele que está aquém, terá que melhorar seus métodos ou verá seu salário astronômico caindo mais que a nota de seus alunos”. Se a medida trará milagres para o ensino na Universidade, só o tempo dirá.

Diego Andriolo
Engenharia de Minas – 5º ano

Mudança de perspectiva

Os dias 25/03 a 08/06 o Centro Cultural Banco do Brasil recebe a mostra “Picasso e a Modernidade Espanhola”. Funcionando das 9 às 21 horas, o Centro fica perto da estação da Sé e a entrada é gratuita. Só é preciso um pouco de paciência com as filas razoavelmente longas, então vale a pena sair em galera para ter aquela companhia solidária enquanto espera.

Além do valor histórico e artístico das obras, a mostra foi organizada de forma a narrar em quadros e gravuras a trajetória de Picasso, a quem é dada a ênfase na exposição, e seus contemporâneos no caminho de erguer os pilares da arte moderna. Cada

quadro é tratado como uma história, ao abrir novas possibilidades de linguagem e de arte, dentro de uma história maior sobre os artistas e suas mentes. Em Picasso, por exemplo, o apego especial pelas imagens do cavalo e do touro são o ponto de partida para tentar entender o próprio artista.

No geral, a exposição é uma ótima opção para quem já curte arte, mas é também um ótimo começo para quem nunca experimentou e está disposto a praticar a técnica pela qual o pai do Cubismo ficou famoso: a mudança de perspectiva. Então recomendo fortemente tirar um tempo para ir sem medo de ser feliz. Você pode não achar os

quadros mais “bonitos” que você já viu, mas garanto que vai encontrar coisas mais feias se procurar sua próxima prova de Cálculo. Além disso, “bonito” ou “feio” não é sequer o foco da discussão. A grande conquista da arte moderna é a derrubada dos padrões clássicos e a abertura de um espaço para qualquer forma de expressão. Para entender basta uma mente bem aberta e um pouco de atenção. E antes que eu me esqueça, fica a moral da história:

“A arte é a mentira que nos permite conhecer a verdade.”

Pablo Picasso



Bruno Menetti Coutinho
Engenharia Mecânica - 2ºano

Óculos Dourados

Olho pela janela do carro. Um senhor está parado no ponto de ônibus. Cabelos brancos, as rugas cobrindo-lhe o rosto moreno. Na frente dos olhos, óculos dourados quadrados que pareciam ter a mesma idade do dono. Estava encostado no poste do ponto de ônibus. Imagino quantas vezes ele já teria feito aquilo. Através das lentes ele observava a rua, seus olhos passavam pela calçada, os carros e de volta à calçada. Ele virou e encarou um pequeno garoto encostado na parede. O menino estava sujo, as roupas, em farrapos; tinha os olhos fundos e estava macérrimo. Suas mãos, com dedos queimados, seguravam o crânio entre os joelhos. Ele aparentava cerca de nove anos, mas não me surpreenderia se já estivesse na adolescência.

De repente, o garoto levantou o olhar sem vida, seus olhos negros analisavam a rua como se estivesse fora da realidade. Ele esticou o fêmur, os seus ossos podiam ser contados um a um. Levantou-se, retirou um isqueiro da bermuda e acendeu-o, encarava a chama como se ela que lhe desse a vida, procurou algo no outro bolso, não achou nada. Seu rosto estava ansioso, com sofrimento e dor. O senhor de cabelos brancos encarava-o friamente. O garoto retirou uma faca da bermuda e caminhou até o sinal. Ele escondia a faca nas costas

enquanto estendia a mão pedindo esmola. Um homem de meia idade entregou-lhe um pacote de biscoitos, ele olhou-o com desgosto e saiu. Caminhou até o carro seguinte e atirou o pacote no chão. Dessa vez utilizou a faca, e saiu correndo com a bolsa de uma senhora. Correu até a esquina e espalhou freneticamente todo o conteúdo da bolsa pelo chão, achou a carteira e disparou com ela por um beco. A mulher estava pálida, o seu rosto congelado em uma expressão de terror. Até que o choro começou a banhar seu rosto.

O senhor continuava parado ao lado do poste e observava a cena com tristeza. Pergunto-me se sua reação teria a ver com o estado atual. Se seu olhar cansado não era de nostalgia por tempos em que se podia andar tranquilo, se ele não estaria lembrando de sua infância feliz correndo pelas ruas, jogando uma pelada. Se sua reação teria a ver com a situação em que nos encontramos, reféns de nós mesmos. O sentimento do idoso poderia ainda ser pela situação do menino. Uma criança desamparada, meio que perdida e presa nos próprios erros, vítima da própria sociedade que agora a despreza. A existência de muitos outros iguais àquela criança estaria instigando nele tamanho desconforto ou a sua impotência diante disso?



Possibilidades. Os óculos dourados observaram tudo aquilo, as mudanças teriam sido tão profundas e nocivas quanto aparentavam. Seriam eles mais felizes há 50 anos atrás? A cor dourada, que já estava desbotada, parecia sumir aos poucos enquanto eu observava o objeto sendo substituído pelo cinza das calçadas. Cinza me parece uma cor realmente mais apropriada para a cena. O semáforo abriu, senti o carro

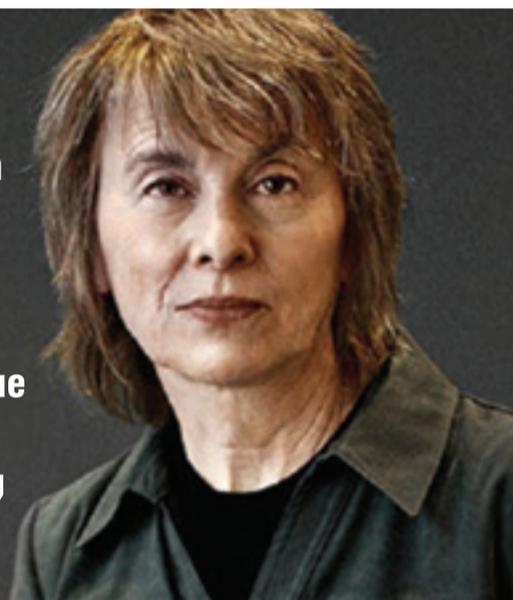
se mover, e a cena desapareceu de minha visão, como muitos anos atrás o dourado sumiu da vida daquele senhor de cabelos brancos, do garoto de bermuda em farrapos e daquele par de óculos cinza.

Narelli de Paiva Narciso
Engenharia de Materiais - 1ºano



A origem do machismo e o “machismo feminino”

“As mulheres pedem aos homens que eles sejam o que não são e, quando eles se tornam o que não são, elas não os querem mais”



Camille Anna Paglia (Endicott, Nova Iorque, 2 de abril de 1947) é uma ensaísta e escritora americana. É Ph.D em língua inglesa pela Universidade de Yale e professora no Philadelphia College of the Performing Arts

É inegável que a civilização ainda vive em pilares machistas. Com todas as estatísticas levantadas sobre violência doméstica, homens dominando cargos executivos ou cantadas de rua, fica difícil contra argumentar sua sólida existência. Mas será que esses pilares foram erguidos conscientemente ou derivaram inconscientemente da vida e a natureza humana? E o que fazemos para que essa mal se extinga? Seria o gênero feminino responsável também pela manutenção desse “câncer” da nossa sociedade?

No âmbito do primeiro questionamento (a origem do machismo), gosto de imaginar como deveria ser a vida de uma mulher na Idade da Pedra e Média, épocas essas onde a lei do “mais forte” era brutal e os cuidados com relação a saúde eram grotescos. Os homens, por terem uma pré-disposição biológica física (hormonal e muscular), deviam se virar “facilmente” para achar comida e abrigo. Mas e as mulheres? Será que os hormônios menstruais que as mulheres estão biologicamente predestinadas a sentir mensalmente não atrapalhavam elas na sua luta pela sobrevivência? E os cuidados para a realização de partos e a precaução contra doenças sexualmente ou não transmissíveis? Imaginem viver sem nenhum medicamento ou compressa quente para amenizar as

cólicas. Humildemente acredito que seria natural e muito inteligente da parte do gênero feminino, buscarem auxílio de parceiros com maior “facilidade” de sobrevivência. Ainda mais se estes tiverem sido coautores da gravidez.

Gosto de divagar neste cenário, porque ele me dá fortes indícios do início da hierarquização dos gêneros. E que, felizmente – e finalmente –, vemos nos dias de hoje cada vez mais diminuir.

Notem que até aqui, falamos de milênios de história da raça humana. São inúmeras gerações de mulheres que passaram por esses cenários “submissos” e “dependentes” (sendo bastante eufemista no uso destes termos), tudo em prol da sua própria sobrevivência.

Cheguemos enfim na Idade Contemporânea. Pela primeira vez vemos as mulheres se libertando dessa submissão, com o desenvolvimento da medicina e da psicologia, ganhando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, economia e política. Yes! Estamos no caminho certo!

Mas “i us omi”? (Tradução para quem não é machista: Mas e os homens?) Porque afinal de contas, embora as mulheres sejam as principais vítimas do machismo, os homens também são tolhidos na sua personalidade.

E o homem que ainda é pressionado

a ser o macho alfa? O ser protetor e estritamente racional da relação? O elo seguro e confiante do relacionamento? Julgado e esculachado se chorar ou demonstrar algum tipo de sentimento?

Partindo agora para o âmbito do segundo questionamento (o sutil machismo feminino), é indubitável que grande parcela da culpa da ainda existência do machismo está nos homens, mas teria o gênero feminino também parcela de culpa desse “câncer” da nossa sociedade?

Machismo é qualquer limitação ou definição de comportamento humano, em promoção do gênero masculino. O que, por reflexo, é também uma depreciação do gênero feminino. O problema é que ficamos viciados em entender esse termo apenas para a segunda perspectiva, a perspectiva que limita os comportamentos do gênero feminino.

Mulheres que acham “estranho” um homem receber flores para também enfeitar a sua mesa do trabalho. Que julgam não precisar pagar a conta do jantar de vez em quando, apenas para demonstrar também a sua admiração e carinho pelo seu parceiro. Que acreditam que a iniciativa de um relacionamento deve ser apenas dos “omi”. Ou que exaltam a “masculinidade” de homens “confiantes”, “viris”, “sardos” ou “líderes” também são machistas. Falar que homem não chora é machismo. O termo “men tears” amplamente utilizado para debochar homens que, por algum mistério galáctico, choram, é machismo. Esses tipos de costumes e pensamentos também ajudam a sustentar essa sociedade cancerosa. Essa sociedade apoiada na crença que existe, sim, uma diferenciação além da biológica, uma diferenciação comportamental entre os gêneros.

Esse tipo de machismo é sutil. Enrustido. Ardiloso. Não tão destoante como o de um homem gritando na rua “Ô lá em casa!”, mas tão ruim, ridículo e repugnante quanto.

Por exemplo, quando dizemos que “homem não chora”, estamos implicitamente dizendo que chorar é coisa de mulher. Quando na verdade chorar é algo humano e totalmente independente do gênero.

Em posse destas divagações pela história da raça humana e dos costumes inconscientes machistas da nossa sociedade contemporânea, seria absurdo acreditar

que o machismo nasceu da crua realidade da vida e da invariável natureza humana? Ou seja, sustentada por todos nós, desde a Idade da Pedra? Eu acho que não.

No entanto, se não somos árvores predestinadas a crescer em uma única direção, porque não mudamos os nossos costumes em direção ao que mais ansiamos? Se desejamos equidade, por que não a praticamos?

Seria pedir demais para os homens respeitarem e valorizarem as mulheres por suas características biológicas singulares?

Por exemplo, é muito comum homens discriminarem o comportamento feminino, dizendo que elas estão “naqueles dias” ou que é vantagem ela estar grávida e “não precisa trabalhar”. Esses olhares desdenhosos não respeitam as diferenças biológicas que obviamente as mulheres possuem. E são evidentemente comportamentos machistas, pois delimitam o comportamento feminino.

Já na outra esfera, seria pedir demais para as mulheres respeitarem e valorizarem o sentimentalismo que os homens também possuem, mas que são reprimidos e obrigados a esconder através da cortina da racionalidade, imposta pela nossa sociedade machista? Onde homem sentimental ou tímido não é “ másculo”. Não é atraente. “Afeminado”. Esse julgamento não permite que os homens possuam uma característica totalmente humana, que é a timidez. Portanto, machismo também.

Pois então, homens: abram a porta do carro para suas damas, comprem flores para as mesmas, e abracem-nas quando o dia for difícil.

E mulheres: abram a porta do carro para seus cavalheiros, comprem flores para os mesmos, e abracem-nos quando o dia for difícil.

Tratemo-nos com Equidade.

Tenhamos tolerância com as nossas diferenças biológicas, mas não apatia nas diferenças comportamentais impostas inconscientemente por nós mesmos.

Curemos este câncer com a quimioterapia mais intensiva. Ou aceitemos o machismo que nós mesmo criamos e cultivamos. Inconsciente, ou conscientemente.

Alexandre Cladeira Augusti
Engenheiro Civil – Formado em 2013



Cartinha de amor

Venho aqui contar-lhes uma simples história de amor. Jovem, destemido, inconsequente... Principalmente inconsequente! Passamos tantas horas juntos que às vezes até esqueço-me das obrigações. É daquelas histórias de amor na sua forma mais pura, sincera, honesta. Conheci o meu amor faz pouco tempo, não deve ter nem dois anos – me desculpa amor, esqueci a data do nosso primeiro encontro! Entretanto, nunca poderei esquecer-me da primeira vez que a vi, beleza pura em forma de arte. Nosso primeiro encontro então, espetacular! Assistimos a um filminho, nem me recordo de qual era, mas isso não importava. Estávamos juntos, com uma pipoca na mão, bebida na outra, minha companhia perfeita. Naquele momento eu já me vislumbrava nas diversas possibilidades que eu poderia vivenciar com alguém tão singular como você, tão especial! Perdia horas sonhando acordado com a nossa próxima aventura, mal conseguia me decidir.

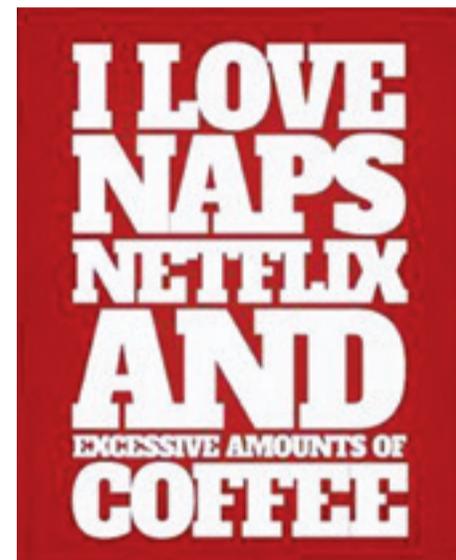
Você, meu amor, possui múltiplas personalidades, uma hora é um drama, na outra já parte para a ação, isso quando não está de excelente humor e me mata de risadas. Nunca sei o que virá em seguida quando estou com você. As histórias que você me conta me inspiram, me fazem sonhar. Posso passar várias horas junto contigo sem perder o interesse. Meu amor, minha metade. Seu estilo me impressiona, é simples e lindo. A beleza está na simplicidade realmente. Sempre gostou de usar branco, com detalhes vermelhos, e eis que em um belo dia você me surpreende com um estilo mais dark, preto com os detalhes vermelho. Vermelho sempre será a sua cor mesmo, não tem jeito.

Poderia dizer que nem tudo são flores, não é? Qual casal nunca teve uma briguinha ou um momento de birra? Alguns de nossos encontros foram desastrosos. Porém, seria injusto você tomar toda a culpa, afinal, a escolha desses encontros foi minha, assumo metade da culpa por esses momentos. Po-

rém, cá estamos firme e forte, nosso amor só está crescendo. Tenho orgulho, muito orgulho de você, sua carreira está deslanchando e seu reconhecimento é merecido. Ainda bem que você decidiu ousar e criar a sua própria arte, e posso dizer que seus últimos trabalhos estão fantásticos. Mal posso esperar para ver os próximos, traga-os logo para eu dar uma olhada, combinado?

Não sou ninguém especial, uma pessoa comum, uma rotina estressante e cansativa, sou ninguém. Um desses seres andantes na Terra que poderiam ser confundidos com qualquer um por aí. Não mudei o mundo, não faço nada de especial. Você nunca se importou com meu status, me aceita do jeito que sou, e sempre está presente para mim. Como não te amar?

Só queria, através dessa singela cartinha, demonstrar o quanto te amo e como você se tornou especial para mim. Não ligo nem um pouco para que os outros pensem. Essa noite será só você e eu mais uma vez, já até sei como vai ser: uma longa ação



com elementos de romance por mais de duas horas, eletrizante até o fim, beijos e explosões, combo perfeito! O mundo pode acabar lá fora, essa noite será nossa... Eu te amo, Netflix!

Ps.: Poderia dizer que essa é uma história de amor melhor que Crepúsculo, mas essa também está lá no seu catálogo.

Queria saber bem mais que meus vinte e poucos anos...

É meus amigos, bem vindos aos vinte e tantos anos, eles finalmente chegaram... Lembra daquela época que você tinha lá seus míseros dez aninhos e já bradava que não era mais criança, e sim um “pré-adolescente”? Aliás, que expressão ridícula essa, mas a única capaz de nomear esse período esquisito de transição da inocência infantil para a malícia juvenil. Sim, nessa época dos dez, tudo o que você queria era ter seus quinze aninhos logo. Parecia que ia demorar uma eternidade até chegar lá, quando você finalmente se tornaria um adolescente respeitado.

Época engraçada, dos quinze aos vinte se descobre o mundo. É um tempo de experiências, descobrimentos e aventuras. Você simplesmente podia achar que uma pessoa de trintas anos é velha! Que loucura! Mais interessante do que tudo

isso – você se lembra como o seu ‘eu’ de quinze anos te imaginaria nesse exato momento com vinte e poucos? De uma coisa eu tenho quase certeza: ninguém se imaginaria um fracassado, não é mesmo? Não digo que você é um fracassado, longe disso, mas muitas das coisas que você possa ter imaginado naquela época não se concretizaram. No meu caso, achava que aos vinte e cinco estaria todo “independentão”, numa carreira promissora com altas expectativas de crescimento, morando em um lugar bacana, pago do meu próprio sustento, viajando por aí... Não tenho vinte e cinco ainda, mas já tenho certeza que as coisas não vão ser beem assim. Não sei nem qual área seguir da minha carreira, e você já viu o preço dos imóveis em São Paulo??? Sem chances... Talvez nessa época nós tivéssemos as expectativas excessivamente altas, ou mesmo não tenhamos noção das dificuldades de andar com as próprias pernas.

Acredito nos dois. Tem até aquele artigo famoso que viralizou faz pouco tempo – “Why Generation Y yuppies are unhappy” – que basicamente expressa a frustração de jovens dessa idade como resultado de altas expectativas com o baixo esforço. Não que o baixo esforço seja o famoso “corpo mole”, mas sim da questão de atingir os seus objetivos com a mesma facilidade que se atingia aos quinze. Com vinte ou mais, a vida não te ensina que todo o sucesso demanda um grande esforço, ela simplesmente te dá uma bela de uma surra, e enquanto você não entender isso, vai continuar apanhando. Talvez isso te lembre das semanas de provas, uma bela analogia.

Se você leu esse texto até aqui esperando que eu lhe dê alguma fórmula mágica que solucione seus problemas e dúvidas, sinto em desapontá-lo. Estou tentando resolver os meus ainda. Dúvida é um sentimento constante nessa idade, não tenho a absoluta

ideia do que vai acontecer, e isso de certo modo é legal. Por que não arriscar em fazer o que tenho interesse? Eu posso! Experiências, descobrimentos, aventuras, pode parecer que tenho quinze de novo, mas com responsabilidade de trinta. Bom, na média daria vinte e dois anos e seis meses... sei lá, é melhor ir viver e tentar. Afinal, com vinte e tantos anos, parece que o relógio está passando vinte vezes mais rápido agora. Daqui a pouco já é o meio do ano, ou o meu aniversário. Que medo de fazer aniversário. Antes esperava tanto por ele, agora é mais uma lembrança de que o tempo está voando e eu envelhecendo logo. Melhor parar de procrastinar a vida. E me desculpe o texto confuso, essa época é uma loucura.

Bruno Pereira
Engenharia Ambiental – 5º Ano

GRÊMIO POLITÉCNICO E BIXOS 2015 APRESENTAM:

BIXOOPP 2015

12/06
22:00

ALIMENTE UM MONSTRINHO

ARRECAÇÃO DE ALIMENTOS EM CONJUNTO
COM A POLI SOCIAL E PRIMEIRO DIA DE
VENDAS APENAS COM DOAÇÕES
(MÍNIMO DE 1KG DE ALIMENTO NÃO
PERECÍVEL POR INGRESSO)

-1º LOTE (20/05)-

ENTRADA: R\$10,00

CANECA: R\$30,00

(OPEN CHOPP + ENTRADA + TALABARTE)

VENDAS NO GRÊMIO POLITÉCNICO

-LOCAL-

SAMBÓDROMO

AV. OLAVO FONTOURA, 1209 - SANTANA

<PORTÃO X>

-BEBIDAS-

AMNÉSIA

GO TUBE

CATUABA

SMIRNOFF ICE

SKOL

TEQUILA

VODKA + ENERGÉTICO

